

## O “CICLO DO EXTREMO NORTE”. AS PARTICULARIDADES DA RECEPÇÃO DE LITERATURA.

Gunter Karl Pressler  
UFPA

Dalcídio Jurandir (1909-1979) publicou de 1941 a 1978 dez romances que “formam um panorama amazônico sem paralelo na literatura brasileira” (Pedro Maligo/Michigan State University, USA) e recebeu dois dos mais importantes prêmios literários brasileiros: o prêmio Vecchi-Dom Casmurro (1941) e o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (1972). Apesar disso, o autor permanece relativamente ignorado pelos críticos literários, no mínimo, Jurandir é abordado e classificado como “regionalista”. A obra de Dalcídio Jurandir, um dos mais fascinantes (e ao mesmo tempo desconhecido) prosadores brasileiros da Modernidade, no entanto, está à margem do cânone da literatura nacional. Para tal, contribuem a fragmentação da obra do autor marajoara, de publicação precária e de circulação quase que inexistente.

A crítica acompanha a publicação das obras com as seguintes características:

- **“folclore” naturalista do século XX, romance social, “Regionalismo documentalista”:** “a massa que borbulha em suas páginas [...] massa mestiça de camponeses, pesca, dores, marítimos [...] trabalhadores, gente suada e insignificante” (Astrojildo Pereira); “saga da região do Norte [...] um quadro de costumes, lendas, modismos, festas e ditos populares, todo um folclore” (Moacir C.Lopes); livro e nome, Dalcídio Jurandir, vieram juntos do Pará, “trouxeram aquela gente [...] realidade que ele foi encontrando em longas viagens pelo interior” (Álvaro Moreyra); “denúncia de uma determinada situação social” (Herberto Sales); “fidelidade ao ambiente [...] força descritiva, plena de verdade e de beleza, pela sua maneira de fazer vida e a gente[...] regionalismo documentalista” (Nelson Werneck Sodré); “aquela solidão de nuvens baixas e verdes molhados que é Marajó [...] seus regionalismos” (Sérgio Milliet); “a verdade cotidiana, com a paisagem exata [...] um etnógrafo” (Luis do Câmara Cascudo); “romance de costumes e em outras áreas um ‘romance social’ (Adonias Filho); “extraordinária objetividade “ (Antônio Olinto); “coerência testemunhal “ (Haroldo Bruno); “valor documental [...] literatura regional amazônica” (Alfredo Bosi e Antônio Coutinho).

Um e outro aponta já para características diferentes da obra que somente no final da década de 90 e, agora, recente, tornaram-se fundamentos para uma nova recepção:

- a relação do **oral** e da **escrita**: “Não é um autor que escreve. É um homem que fala” (Álvaro Moreyra);
- técnica narrativa, **narratologia**: “rigor de construção [...] um desenho humano de quem tem a consciência de que o instrumento de criação é a linguagem” (Fausto Cunha); “técnica narrativa” (Antônio Olinto); “evolução estilística” (Ary de Vasconcelos);
- **Metalinguagem, discurso e linguagem poética**: “meditação sobre a arte e o destino do romance” (Heráclio Sales); “lítero-discursivo” intrínseco na linguagem narrativa (Homero Homem); “efabulação/narração” (J.Guimaraes Menegale); “lembra-me certas músicas em órgão, lentas e profundas”(Jorge Amado);
- O **universal, o psicológico e filosófico-existencial**: “conteúdo humano” (Herberto Sales); “*Marajó*, em qualquer língua, é literatura brasileira” (Nelson Werneck Sodré); a “solidão de nuvens” (S.Milliet), completando “a solidão de Eutanázio” (Paulo Nunes) e, de forma diferente, de Alfredo; “romance psicológico” (A. Filho); “corrente subjetivista, introspectiva e psicológica” (Afrânio Coutinho); “fisionomias de existência” (L. da Câmara Cascudo); “há um paraensismo universalizado, revelando aquela mundiamazonivivência necessária a que o autor regional inscreva-se na trama do universal [...] Surrealismo caboclo de beira de rio, de tombadilho e campos alagados [...] um estilo ora áspero, ora macio, mas sempre entrecortado de silêncios; cheio de cismas” (João de Jesus Paes Loureiro);
- **Romance moderno**: “introdutor da paisagem urbana da Amazônia” (Benedito Nunes); “o mais complexo e moderno” (Alfredo Bosi).

Temístocles Linhares, em 1987, faz uma leitura diferente, ainda — como constata Paulo Nunes — “uma crítica [...] impressionista”, mas já com um olhar diferente, destacando o elemento humano. Leitor atento das críticas anteriores, Linhares consegue ver qualidades do romance moderno do século XX: “Antônio Olinto situava o autor [...] no plano rítmico de Proust, em que a composição sinfônica da obra se subdividia ao mítico [...] o crítico ainda acrescentava que, reduzida a Amazônia à pequena floresta de Cachoeira, se deixava ver por completo, a

exemplo de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, incorporando mais um território à nossa literatura” (Linhares apud Nunes, p. 28).

Uma primeira abordagem da recepção da obra de Dalcídio Jurandir, apresenta Paulo Nunes em 1998/2000, referindo-se a Pedro Maligo, seu artigo em 1992 (São Paulo) e seu livro, em 1998 (New York). Massaud Moisés (1996, 3<sup>a</sup> ed.) dá passos da recepção com todos os limites da interpretação canônica, “regionalismo amazônico”: “romance-rio”, em que P.Nunes encontra sua originalidade: “aquanarrativa” (1998), uma “vasta narrativa de aprendizagem” (“romance-de-formação no Brasil do século XX, G.K.Pressler, 2002) e “notas psicológicas e as líricas”, a peculiaridade do “discurso indireto livre”.

Nunes questiona: como entender a “indiferença crítica” diante da obra premiada? Ilustres nomes falaram sobre o escritor. Como explicar o silêncio? Pode-se falar das particularidades do processo da recepção. A crítica “ignora” a obra, pois não se configura no horizonte da expectativa marcado pelos nomes dos contemporâneos: Graciliano Ramos, J.Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Os romances de característica naturalista-realista do século XX, mas com uma **estrutura narrativa complexa** e complicada, um discurso narrativo de cunho indireto livre, em que se confundem o tempo da narrativa e o tempo narrado, estes romances só encontram sua reflexão teórica adequada anos depois. A aplicação da análise de discurso na âmbito das narrativas modernas, no contexto da estrutura narrativa-literária pela narratologia, saindo do campo da semiologia e do estruturalismo, permite uma adequação teórica da literatura.

A particularidade da **linguagem** como poética e recriativa de uma certa **oralidade** se estuda metodologicamente somente agora depois de trabalhos pioneiros de Benedito Monteiro (*O Cancioneiro do Dalcídio*, 1985) e Rosa Assis (*O Vocabulário Popular em Dalcídio Jurandir*, 1992), ressaltando a diferença entre uma linguagem literária e de um “fabulista popular”, com seus “coloquialismos e expressões locais” (Rosa Assis). O escritor recria a característica oral na poeticidade da escrita narrativa que parece ser um grande poema escrito em prosa.

A forma literária do **Bildungsroman** (Romance de formação) não é conhecida em *terra brasilis*, mas foi marcante na formação da literatura “nacional” alemã no início do século XIX (Wilma P.Mass, 2000).

Em 1996, a revista do Centro de Letras da UNAMA (Belém), *Asas da Palavra* lança um grande passo para a redescoberta da obra e do escritor. Cinco anos antes, um artigo pouco percebido de Pedro Maligo (Michigan University) lê a obra no contexto da :”representação da

Amazônia” e reconhece seu “lugar especial entre os autores modernistas brasileiros” (apud Nunes, p. 31). Em Belém encontram-se os estudiosos Josse Fares, Paulo Nunes e José Arthur Bogéa com seus trabalhos de divulgação. Em 2002, Marli Furtado defende a tese de doutorado na UNICAMP sobre o “Ciclo do Extremo Norte”, na banca Audemaro T.Goulart que participou, em 2001, ao lado de Willi Bolle (USP), Olinda (UFACRE) e estudiosos de Belém (Benedito Nunes, etc) do Colóquio Dalcídio Jurandir: “60 anos: Chove nos Campos de Cachoeira”, marca histórica da nova recepção da obra e do escritor.

Particularidades da recepção — por quê? O CNPq reconhece o mérito dos organizadores do Colóquio, em 1999, mas “assuntos regionais” não recebem uma verba do Conselho Nacional. Isso combina com uma certa penitência local, sempre em perigo de cair na “folclore regional” e até encantos ufanistas. Os novos enfoques críticos ressaltam as características universais da obra acima apresentada, a estrutura narrativa complexa e a linguagem poética no limiar de oral – escrita. A historiografia literária – em movimento permanente, mas lento – permite “resgates”, enfoques sobre o exóticos e novos velhos territórios (Amazônia). Julgar a crítica anterior pela não valorização da obra, significaria continuar num absolutismo tradicional que acredita num valor, num essência estética-literária eterna objetivamente enterrada na obra. O valor estético e a poeticidade da obra revelam-se num discurso histórico impregnado na premissa de que cada tempo descobre, “atualiza” (Walter Benjamin), rompe e modifica seu “horizonte de expectativa” (Jauss).

Projetos de reedição da obra completa existem desde 1984. “Quarenta anos em débito com o acolhedor povo desta terra”. Giorgio Falangola publica na gráfica e editora, fundada em 1949, o sexto romance *Passagem dos Inocentes*. A UFPA considera este romance como matéria constante de vestibular. O “desejo lançar a obra completa”, só foi desejo. Sete anos depois, a editora CEJUP, em Belém, partiu para uma nova tentativa, editou os primeiros três romances e — fracassou (?). Em 2000, um representante da Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro apresentou o projeto de reeditar um livro. No mesmo ano, a UNAMA por meio da professora-pesquisadora Rosa Assis publicou a edição crítica do primeiro romance e está preparando a edição crítica do segundo romance.

<b>ANO</b>	<b>CIDADE</b>	<b>EDITORIA</b>	<b>TÍTULO</b>
1941	Rio der Janeiro	Vecchi	<i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>
1947	Rio der Janeiro	José Olympio	<i>Marajó</i>
1958	São Paulo	Martins	<i>Três Casas e um Rio</i>
1959	São Paulo	Vitória	<i>Linha do Parque</i>
1960	São Paulo	Martins	<i>Belém do Grão Pará</i>
1963	São Paulo	Martins	<i>Passagens dos Inocentes</i>
1968	São Paulo	Martins	<i>Primeira Manha</i>
1971	São Paulo/ Rio de Janeiro	Martins/NL	<i>Ponte do Galo</i>
1976	Rio der Janeiro	Cátedra	2ª ed. <i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>
1976	Rio der Janeiro	Artenova	<i>Habitantes</i>
1978	Rio der Janeiro/ Brasília	Cátedra/ NL	2ª ed. <i>Marajó</i>
1978	Rio der Janeiro	Record/	<i>Ribanceira</i>
1984	Belém	Falangola	2ª ed. <i>Passagens dos Inocentes</i>
1987	Belém	Falangola	2ª ed. <i>Linha do Parque</i>
1991	Belém	CEJUP	<i>Chove nos Campos de Cachoeira; Marajó; Três Casas e um Rio</i>
1994	Belém	CEJUP	<i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>
1996	Belém	CEJUP	<i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>
2000	Belém	UNAMA	<i>Chove nos Campos de Cachoeira</i>

Nos últimos anos podemos observar um interesse crescente pela obra de Jurandir, estimulado, de um lado, pela complexidade da estrutura narrativa e pelo jogo do tempo (tempo da narrativa e tempo narrado), de outro, pela discussão sobre a historiografia da literatura brasileira e, particularmente, sobre a questão da literatura na Modernidade e Pós-Modernidade.

**Bibliografia:**

Assis, Rosa, *O Vocabulário Popular em Dalcídio Jurandir*. Belém: EdUFPA 1992.

Furtado, Marli T., *O Ciclo do Extremo Norte*. Campinas: UNICAMP (Tese de doutorado) 2002.

Jurandir, Dalcídio, *Passagem dos Inocentes*. Belém: Falangola 1984 (cf. nas orelhas as referências da crítica literária).

Maligo, Pedro, *Land of Metaphorical Desires. The Representation of Amazonia in Brazilian Literature*. New York, etc: Peter Lang 1998 (Wor(l)ds of Change. Latin American and Iberian Literature).

Monteiro, Benedito, *O Cancioneiro do Dalcídio*. Belém: Falangola/PLG Comunicação 1985.

Nunes, Paulo, “Aquonarrativa: uma Leitura de *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. In: Id./JosseFares, *Pedras de Encantaria*: Belém: UNAMA 2001, pp. 3-97.

Pressler, Gunter Karl, De Anton a Alfredo. O Romance de Formação na Língua Alemã dos Séculos XVIII XIX (Moritz, Bräker e Goethe) e o Romance Moderno de Formação no Brasil do Século XX (Jurandir). Estudo Comparativo entre Romances de Formação do Interior da Suíça e da Alemanha ao Interior do Brasil e da Amazônia (manuscrito).